Editorial [PT]

por **Christiane Costa de Matos Fernandes¹** & **Deborah Moreira Guimarães²**

DOI: 10.12957/ek.2023.82391

É possível dizer que, desde seus primeiros escritos na década de 1920, Heidegger não pretende oferecer uma filosofia que retome princípios metafísicos anteriores ao corte crítico realizado por Kant, isto é, Heidegger parece considerar a necessidade de realizar a investigação filosófica nos limites da experiência possível. O decisivo, nesse sentido, seria recuperar uma noção de experiência que fosse originária, o que, com efeito, ele pretende desenvolver com sua análise fenomenológica da experiência hermenêuticamente situada. É preciso ter em vista, entretanto, que no pensamento heideggeriano a “investigação filosófica nos limites da experiência possível” desdobra-se no e pelo redimensionamento da pergunta pelo ser, o que pode ser considerado como uma “virada ontológica” em relação à filosofia crítica. Não sem motivos, no horizonte da questão pelo sentido de ser (§7 de *Ser e tempo*), Heidegger alega que as condições *a priori* de apreensão dos fenômenos apresentadas por Kant devem ser passíveis de conversão em fenômeno; dito de outro modo, aquilo que se oculta e constitui o que aparece (especialmente o ser do ente em seu sentido temporal) pode e deve ser metodologicamente convertido em fenômeno. Em face dessas considerações, o presente dossiê “Heidegger: origens” reúne pesquisadoras e pesquisadores que contribuem para a discussão acerca das origens dessa “virada ontológica” da filosofia crítica empreendida por Heidegger. Trata-se aqui de reconhecer, nas origens do pensamento heideggeriano, a continuidade e as rupturas em relação à tradição filosófica crítica.

¹ Graduada e mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) com bolsa do Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG) da CAPES. E-mail para contato: christianecostamf@gmail.com.

² Graduada, mestra e doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com bolsa do programa nota 10 (PDR-10) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail para contato: deborahmoreiraguimaraes@gmail.com.

Dessa maneira, o presente volume reúne, no dossiê proposto, oito artigos que dialogam com o tema “Origens”, tendo em vista a sua interconexão com o pensamento heideggeriano. Abrindo a seção dedicada ao dossiê, Roberto S. Kahlmeyer-Mertens e Marcelo Ribeiro da Silva, no artigo *A recepção de ‘Faktum’ na Habilitationsschrift de Heidegger e a influência neokantiana no projeto da tese*, investigam sobretudo o conceito de “Faktum”, compreendido aqui como gênese da analítica existencial de *Ser e tempo*, e a influência do neokantismo, e principalmente de autores como Rickert e Lask, no projeto heideggeriano da década de 1920. Em seguida, Santiago Bellocq reconstrói – em *El giro ontológico de la crítica y el origen de la deconstrucción* – o caminho percorrido por Derrida, a partir da retomada das noções de *Abbau* e *Destruktion* de Husserl e Heidegger, na elaboração do que viria a ser o cerne de suas reflexões: a desconstrução. Tendo como ponto de partida a assim chamada “Preleção de 1919”, Jethro Masís investiga – em seu artigo *The muddled concept of life: from Lebensphilosophie to hermeneutic phenomenology in Heidegger’s earliest University lecture* – o conceito de vida tendo como fio condutor a passagem da *Lebensphilosophie* à fenomenologia hermenêutica, o que faz parte da caracterização própria à transformação hermenêutica da fenomenologia. Dando continuidade à temática proposta, Isadora Franco Felício dos Santos, em *O problema da teoria fática na filosofia do jovem Heidegger*, propõe um estudo acerca das primeiras reflexões de Heidegger sobre a teorização emergente do solo fático. Voltando-se ao tema da verdade, Karen Milla de Almeida França busca mapear as influências husserlianas presentes no pensamento de Heidegger, investigando *A influência de Husserl na abordagem fenomenológica da questão da verdade no jovem Heidegger*. Passando para o âmbito dos temas mais frequentes no pensamento heideggeriano tardio, como a noção de “outro início”, Alexandre de Oliveira Ferreira tem como foco acompanhar tal discussão em seu artigo *A origem da história do ser no tomo 45 da Gesamtausgabe: há algo de novo no outro início?*. Também no âmbito das discussões sobre a obra do jovem Heidegger, Arnin Rommel Pinheiro Braga nos fornece a sua contribuição refletindo sobre *Tempo e memória: a vivência da temporalidade como horizonte de compreensão do ser em Heidegger, leitor de Agostinho*. Por fim, finalizando a seção dedicada ao dossiê, Vítor Hugo dos Reis Costa, em seu artigo *Motivos nostálgicos nas origens das ontologias fenomenológicas*, propõe uma investigação hermenêutica das ontologias de Heidegger e Sartre.

Nesta edição trazemos também uma entrevista exclusiva e inédita concedida por Mario Ariel González Porta à revista Ekstasis, representada – nesta ocasião – por Christiane Costa de Matos Fernandes, Deborah Moreira Guimarães, Ravena Figueiredo Srur dos Santos e Taciane Alves da Silva. Nesse denso diálogo, o entrevistado reflete sobre várias questões que perpassam o trabalho filosófico, atravessando temas como a práxis erótica, expressão que orienta o título da entrevista, a concepção de filosofia a partir de seus problemas, o que evidencia uma investigação profunda e relevante sobre método, e o problema do psicologismo, um dos principais temas de pesquisa do professor Mario Porta.

Na sequência, reunimos cinco artigos de temáticas variadas, oriundos do fluxo contínuo de submissões. O primeiro deles, de Robson Ramos dos Reis, intitulado *Sentimentos existenciais, pertencimento e confiança*, lida com o campo específico de fenômenos afetivos aberto pelo trabalho de Mathew Ratcliffe no âmbito da fenomenologia da afetividade. Em seguida, Irene Borges-Duarte propõe uma reflexão, em seu artigo *A fenomenologia como desafio do meu tempo*, que parte da nossa situação hermenêutica tendo em vista questionar a filosofia fenomenológica – nas palavras da autora – na sua pertença ao momento presente e à hipotética vigência da sua forma de trabalhar pelo pensamento. Já no artigo *Intuição e excesso: aspectos da noção de fenômeno saturado em Jean-Luc Marion*, Marcelo Vieira Lopes fornece aos leitores, a partir das filosofias de Kant e de Husserl, uma história concisa da noção de intuição tendo em vista tratar de suas modulações para, em seguida, recorrer à crítica que Marion desenvolve na elaboração da noção de fenômeno saturado. A seguir, Lucas Joaquim da Motta, em seu artigo *A sequência descontinuada de liberdades e os indivíduos isolados por sua subjetividade: uma humanidade em Simone de Beauvoir?*, discute a compreensão de Beauvoir acerca da noção de humanidade, sobretudo, considerando a ideia de singularidade como fio condutor para a elaboração de sua crítica às concepções totalizantes ou universalistas. Por fim, Nathalia Claro Moreira fecha a seção de artigos de temática livre contribuindo com um estudo intitulado *A ontologia da carne: a crítica ao dualismo no conceito de corpo fenomenal de Merleau-Ponty*, título que já sintetiza de maneira satisfatória o escopo temático que a autora mobiliza em seu texto.

Na seção de traduções, trazemos o texto *O sentimento de ser*, traduzido por Marcelo Vieira Lopes a partir do original *The Feeling of Being*, de Matthew Ratcliffe, e publicado originalmente em 2005 no *Journal of Consciousness Studies*.

As duas últimas seções desta edição são dedicadas 1) à listagem de pareceristas que gentilmente contribuíram com as avaliações das submissões durante o período correspondente à elaboração desta edição, e 2) ao expediente da edição, que contém as informações técnicas desta publicação.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram tanto direta quanto indiretamente para a realização de mais este número da *Revista Ekstasis*, elaborada durante um período particularmente conturbado e marcado por peculiaridades de diversas ordens, o que resultou em um atraso – pelo qual pedimos desculpas sinceras – bastante atípico para os nossos padrões editoriais. Uma vez que finalmente temos em mãos o excelente material que compõe esta edição, convidamos todas e todos a conhecê-lo para que possamos continuar tecendo diálogos com os nossos pares. Que tais diálogos mantenham vivo o entusiasmo pelo filosofar em seu sentido mais genuíno e frutífero!